



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

SANDILMA SERAFIM DA SILVA

Linha de pesquisa
Ensino de Geografia

O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO E PEDAGÓGICO
NO ENSINO DE GEOGRAFIA

CAJAZEIRAS - PB

2013

SANDILMA SERAFIM DA SILVA

**O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO E PEDAGÓGICO
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado a Universidade Federal de
Campina Grande – Campus IV, como
cumprimento de um dos requisitos
necessários para a obtenção do
certificado de Licenciada em Geografia.

Orientador: **Prof. Ms. Rodrigo
Bezerra Pessoa**

CAJAZEIRAS - PB

2013



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

S586c Silva, Sandilma Serafim
O cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de geografia/ Sandilma Serafim Silva. Cajazeiras, 2013.
de Lima. Cajazeiras, 2013.
50f. : il.

Orientador: Rodrigo Bezerra Pessoa.
Monografia (Especialização) – UFCCG/CFP

1. Cinema – didática – ensino de geografia.
2. Geografia – estudo e ensino. 3. Cinema no ensino da geografia I. Pessoa, Rodrigo Bezerra II. Título.

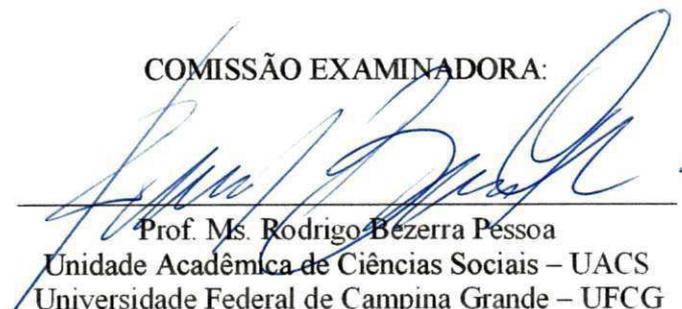
UFCCG/CFP/BS

CDU- 91:791

SANDILMA SERAFIM DA SILVA

**O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO E PEDAGÓGICO
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Ms. Rodrigo Bezerra Pessoa
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Orientador



Prof. Ms. Henaldo Moraes Gomes
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinador I



Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinador II

Aprovado em 12 / 03 / 2013

Ao meu **Deus**, pela presença constante em todos os momentos da minha vida e ao meu inesquecível avô Sr. **José S.S.** (*in memoriam*), exemplo de pai, avô, amigo. Homem pelo qual tinha maior orgulho de chamar de pai. Meus agradecimentos por todos os momentos que estive ao meu lado. Saiba que permanecerá eternamente em minhas lembranças e principalmente em meu coração. Saudades... Te amo muito!

Dedico!

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

AGRADECIMENTOS

Agradecer é demonstrar gratidão, é reconhecer o apoio das pessoas, é partilhar satisfação. E este trabalho só foi possível graças, às pessoas que, de diversas maneiras e em diferentes momentos, colaboraram para que fosse realizado. Nada na minha vida seria possível se não fossem os incentivos, as concessões, os sacrifícios e torcidas de amigos, familiares e professores. Por isso sou grata:

A Deus Pai, minha fortaleza e meu refúgio em todos os momentos da vida, principalmente, nas dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Maria Geralda da S. Serafim e José Serafim S. Filho, que são meu alicerce, meu refúgio, a fonte onde sempre busco forças para continuar lutando e vencendo, e principalmente agradeço por terem mostrado a mim o quanto vale a pena viver com honestidade, respeito, dedicação, dignidade e amor. Obrigada por serem exemplo de perfeição e dedicação a nossa família.

Aos meus irmãos, Sanduhi e Sanielly, pelo carinho e atenção que sempre tiveram comigo, por todos os conselhos e pela confiança em mim depositada meu imenso agradecimento.

As minhas avós Raimunda e Adelaide, por estarem sempre torcendo e rezando para que meus objetivos sejam alcançados.

Aos meus familiares e parentes, principalmente ao primo Valdegizio, obrigada pelo incontestável apoio, pelo carinho e incentivo oferecido.

Ao meu namorado, Idomax, pela paciência e apoio durante os momentos difíceis e atribulados dessa jornada. Obrigada por todo amor, carinho e atenção. Você da maneira mais simples e singela do mundo me faz muito feliz.

De maneira especial e única os maiores e mais sinceros agradecimentos ao meu querido orientador Rodrigo Pessoa que me ensinou que o aprendizado é um processo contínuo, o qual aprendemos em todos os lugares, em todos os momentos e com todas as pessoas, em suas especificidades. Sou grata pela paciência, atenção, carinho, compreensão e por sempre estar disposto a ouvir e ajudar. Sua confiança e orientação são capazes de fazer trilharmos por um grande crescimento. Toda minha admiração por seu brilhantismo acadêmico se torna secundária quando contemplo seu lado humanista e sua obstinação em fazer sutilmente um mundo melhor. Orientador é uma palavra ideal

para defini-lo: é sob sua tutela que guio meus passos. Para mim, ser orientada por vocês foi uma satisfação imensa e motivo de muito orgulho. Obrigada por tudo!

Ao professor Aldo, obrigada por ter confiado, acreditado e ter ajudado em tantos momentos difíceis. Sua ajuda e apoio de modo particular foram decisivos para chegar até aqui. Levo seu exemplo comigo!

Dirijo um sincero agradecimento ao professor Josenilton pelo aprendizado, pela dedicação, pelo rigor acadêmico e contribuição na minha formação.

A todos os professores da UFCG, campus de Cajazeiras, pela paciência, dedicação. Cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e consequentemente para minha formação profissional.

Aos meus amigos, um lindo poema de Vinícius de Moraes que diz: “Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Não percebem o amor que lhes devoto e a absoluta necessidade que tenho deles, a amizade é um sentimento mais nobre do que o amor, eis que permite que o objeto dela se divida em outros afetos [...] A gente não faz amigos, reconhece-os.” Assim, gostaria de nomeá-los e agradecer-lhes:

A minha prima Isabel, por ter crescido junto comigo e por estar sempre ao meu lado. Obrigada por ser parte da minha vida!

A Carlos Davi, Danilo, Luana, Roberta, Ceará, Renadja e Marta Emília, pela doçura e leveza de sua amizade. Obrigada!

Agradeço aos demais colegas de turma infinitamente pela compreensão, pelas palavras de encorajamento, pelos momentos de descoberta regados com muito carinho. Obrigada!

Aos professores que compuseram a banca: Prof. Ms. Henaldo M. Gomes e o Prof. Dr. Marcelo Brandão por oferecerem seus apontamentos e sugestões! De modo especial agradeço pelos ensinamentos e principalmente por participarem desse momento tão importante para minha formação.

E não posso deixar de agradecer a todos os que me apoiaram ou colocaram obstáculos a meus anseios, pois me deram incentivos que possibilitou meu crescimento seja pessoal ou intelectual. Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho conseguisse atingir os objetivos propostos.

A todos vocês, o meu carinho e muito obrigada!

Sandilma Serafim da Silva

RESUMO

O presente estudo de caráter bibliográfico tem como foco “O cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de Geografia”, tendo como propósito de buscar subsídios teóricos sobre a problemática em estudo. Assim busca seguir seu objetivo, no qual centra em analisar a contribuição que o cinema oferece no ensino de Geografia, bem como verificar a relação que o cinema tem em motivar os alunos ir à busca de novos conhecimentos da realidade social e educacionais no ensino de Geografia. Para tanto, o estudo focaliza o eixo temático direcionado para os tópicos: o ensino da Geografia na atualidade, tendo como parâmetro a crise do estudo em sala de aula, observando as possibilidades de trabalhar a Geografia com a adesão dos sujeitos da aprendizagem; o cinema num enfoque histórico, resgatando-o como a sétima arte e sua atuação no Brasil, com destaque a filmes que representam o movimento do cinema novo no Brasil e sua caracterização e o cinema no ensino de Geografia no espaço escolar, com os recursos que ajudam; as contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula e as sugestões e procedimentos ao utilizar o cinema em sala de aula no ensino de geografia, tendo como foco central o filme de longa-metragem Rio, 40 graus do diretor Nelson Pereira dos Santos no ano de 1955. Diante disso, buscou-se uma literatura em autores que enfocam a temática do cinema trabalhado em sala de aula, assim como, sua importância na aprendizagem de geografia. Tendo como destaque, Vesentini (2004), Lacoste (1988), Castrogiovanni (2007), Boechat (1998), Campos (2006), Libâneo (2002), Louro (2003), Geise (2004), Bernardet (1980), Napolitano (2008), Mascarello, (2012 - História do Cinema Mundial), Neves (2010), Gusmão e Sampaio (2005), Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e Salem (1987), entre outros, que abordam a temática em estudo.

Palavras-chave: Cinema. Recurso didático e pedagógico. Ensino de Geografia. Sujeitos da aprendizagem.

ABSTRACT

This bibliographical study focuses on "Film as a teaching resource in the teaching and learning of Geography", with the purpose of seeking theoretical support on the issue under study. Just follow your quest objective, which focuses on analyzing the contribution that cinema offers in teaching Geography and verify the relationship that cinema has on motivating students to go to the search for new knowledge of social and educational in teaching Geography . Therefore, the study focuses on the thematic axis directed to the topics: the teaching of Geography in the news, having as parameter the crisis of study in the classroom, observing the possibilities of working with the accession of Geography subject learning; cinema a historical approach, rescuing him as the seventh art and its operations in Brazil, highlighting the films that represent the motion of the new cinema in Brazil and its characterization and film in teaching Geography at school, with features that help, the contributions of new technologies in cinema inclusion in the classroom and the suggestions and procedures to use film in the classroom teaching of geography, with the central focus of the film feature film Rio, 40 degrees director Nelson Pereira dos Santos in 1955. Therefore, we sought a literature in which authors focus on the theme of the film worked in the classroom as well as its importance in learning geography. Having highlighted how, Vesentini (2004), Lacoste (1988), Castrogiovanni (2007), Boechat (1998), Fields (2006), Libâneo (2002), Blonde (2003), Geise (2004), Bernardet (1980), Napolitano (2008), Mascarello, (2012 - History of World Cinema), Neves (2010), Gusmao and Sampaio (2005), National Curriculum (1998) and Salem (1987), among others, to address the topic under study.

Keywords: Cinema. Appeal didactic and pedagogical. Teaching Geography. Subject of learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa DVD Rio, 40 graus.....	36
Figura 2: Letra da canção - Rio, 40 grau de Fernanda	48
Figura 3: Figura da Cidade do Rio de Janeiro	49

LISTA DE SIGLAS

CINEDUC – Cinema e Educação	00
TV – Televisão	00
MEC - Ministério de Educação e Cultura	00
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais	00
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas	00
PCB - Partido Comunista Brasileiro	00

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	11
CAPITULO I	
1.O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ATUALIDADE: CRISE DO ESTUDO EM SALA DE AULA.	13
1.1 Possibilidades de trabalhar a Geografia com a adesão dos sujeitos da aprendizagem.	16
CAPITULO II	
2. O CINEMA: ENFOQUE HISTÓRICO.	19
2.1 A Sétima Arte: o cinema no Brasil.	20
2.2 Conceitos diferenciados.	21
2.3 Características do cinema novo.	24
2.3.1 Filmes que representam o movimento cinema novo no Brasil: Caracterização.	26
CAPITULO III	
3. O CINEMA E O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO ESCOLAR.	29
3.1 Recursos que ajudam.	29
3.2 Contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula.	31
3.3 Sugestões e procedimentos ao utilizar o cinema em sala de aula.	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	41
REFERÊNCIAS.	43
ANEXOS	
ANEXO A: Rio 40 Graus – Canção de Fernanda Abreu .	48
ANEXO B: Mapa – Rio de Janeiro – Espaço geográfico que retrata o Filme Rio, 40 Graus .	49

INTRODUÇÃO

O presente estudo monográfico integra uma pesquisa sobre a temática do cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de geografia. O mesmo tem como parâmetro o trabalho de filmes em sala de aula, como contribuição na aprendizagem dos conteúdos geográficos. Pois é de suma importância resgatar o ensino de geografia através de exibições de cinemas em sala de aula para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do aluno.

O cinema tem contribuído nas mudanças que vem ocorrendo no que se refere à problemática do ensino de Geografia em sala de aula. Assim a exibição de filmes que abordam temas polêmicos relacionados às questões que envolvem a ciência Geografia, vem motivando o aluno a ser um espectador como agente de mudanças no mundo em que vivem, por compreender que o cinema pode proporcionar os momentos não só de lazer aos alunos, mas, também uma forma de entretenimento que favorece em sua aprendizagem.

No entanto, o estudo desencadeia numa pesquisa de caráter bibliográfico, voltada para a importância que o cinema tem ao ser abordado em sala de aula, assim como, permite mostrar a realidade de determinado problema que porventura encontra-se relacionado aos conteúdos do componente curricular a geografia.

O cinema ao ser trabalhado em sala de aula enfrenta vários problemas, seja de ordem didática, como também, o pouco tempo disponível para serem exibidos. Mas, os resultados apresentados são positivos, pois serve de estímulo para os sujeitos buscar novas formas de aprendizagem da geografia.

Baseando nesses fatos e reconhecendo que é imprescindível procurar estratégias de ensino, visto que a geografia tem sido palco de discussões sobre os baixos índices de aprendizado. Pode-se perceber que o estudo tem como intenção facilitar tais reflexões sobre processo ensino-aprendizagem, que ora é desenvolvido em sala de aula.

No entanto, a realização deste estudo encontra-se distribuídos nos seguintes capítulos. No primeiro foram abordados como tópico o ensino da geografia na atualidade, observando à crise do estudo em sala de aula, enfocando ainda, as possibilidades de se trabalhar a geografia tendo como adesão os sujeitos da aprendizagem.

O segundo capítulo vem mostrar o cinema e seu enfoque histórico, enfatizando o mesmo como a sétima arte e sua atuação no Brasil, levando em conta vários conceitos

diferenciados e as características do cinema novo, com destaque para filmes que representam o movimento cinema novo no Brasil.

O terceiro capítulo direciona para o objetivo do estudo com os enfoques: o cinema e o ensino de geografia no espaço escolar, os recursos que ajudam no trabalho com filmes nas escolas, as contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula, fazendo o encaminhamento de sugestões e procedimentos na utilização do cinema como contribuição na aprendizagem dos conteúdos geográficos.

Portanto, os pontos enfocados culminaram nas considerações finais sobre o tema em tela, mostrando algumas sugestões que podem ser absorvidas no enriquecimento do trabalho educativo com a aplicação do cinema em sala de aula no estudo da geografia, fundamentadas em referências bibliográficas que fortaleceram no desenvolvimento desta pesquisa.

CAPÍTULO I

1. O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ATUALIDADE: CRISE DO ESTUDO EM SALA DE AULA

Estudos atuais apontam para as mudanças que vem ocorrendo diante de discussões a respeito do problema do ensino de Geografia em sala de aula. Tal problemática tem preocupado educadores e estudiosos da área, pois o que percebe é que os objetivos que conduzem o ensino atual da Ciência Geografia nas escolas, por vezes não estão presentes no meio educacional, seja em nível fundamental, médio e até acadêmico, pois, o que se percebe é que tais repercussões são pertinentes tanto na geografia física como humana.

Muito embora, apesar de gerar sérios problemas no ensino e conseqüentemente na aprendizagem da Ciência Geográfica, tal problemática foi positiva de certa forma, já que serviu de estímulo para que professores e alunos buscassem inovações presentes na produção de novos modelos didáticos. Porém, negativas, pois, as incorporações dessas mudanças produzidas no espaço educativo – a escola, onde gerou várias propostas didáticas, que ao longo do tempo foram sendo descartada a cada nova concepção conceitual, bem como, na falta de ações concretas que pudesse dar sustentáculos ao professor em sala de aula.

Tal dilema passou a ser visto como mais propriedade nas séries (atualmente anos) iniciais do Ensino Fundamental, que se alastrou aos outros níveis de ensino como um efeito dominó. Assim, sem apoio técnico e teórico, o ensino de Geografia continuou por vários anos até o final do século XX, se apoiando em descrição de fatos que se encontravam enfocados em grande parte dos livros didáticos. Além disso, é importante enfatizar que o saber produzido numa concepção de Geografia sob a ótica de um ensino tradicional, no qual não busca a construção da cidadania do aluno, sem levar em conta os desafios impostos pelo mundo, assim enfatiza Pessoa (2007).

Na mesma compreensão Vesentini (2004, p.220), faz o seguinte comentário:

O ensino tradicional da Geografia, mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o Homem” não tem lugar na escola do século XXI. Ou a Geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formação de cidadãos ativos, ou ela vai acabar virando peça de museu.

Diante dessa concepção, torna-se evidente que no ensino de geografia não há uma concordância de opiniões a respeito das estratégias que se possa melhor adequar-se a

realidade atual da ciência, enquanto função sócio-educativa. Embora, já citado anteriormente, que existem várias tentativas de renovar, é necessário aprimorar essas discussões para tal fim.

Reforçando a discussão, Vesentini (2004) propõe que o ensino de Geografia acompanhe a direção da renovação, ou seja, não privilegie apenas o repasse de conteúdos de forma isolada, mas, também que o raciocínio e a sociabilidade sejam contemplados, entre outras estratégias.

Muito embora, ainda persista tanto a prática do professor como também várias propostas de ensino de Geografia que se encontram atreladas nas indefinições mencionadas por Vesentini (2004), como bem mostra num estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas nos últimos anos, a qual observa que as propostas curriculares produzidas nesse período, traziam em sua base, o ensino de Geografia com vários problemas, seja de ordem epistemológica¹, de pressupostos teóricos, bem como, no que se refere à escolha dos conteúdos.

A Geografia, segundo Lacoste (1988) é uma ciência que na sua origem apresentava um forte caráter tradicional na sala de aula. Essa prática tradicional de ensino permaneceu, sendo possível encontrar seus vestígios na sociedade atual. E, como consequência se refletem todos os dias em na sala de aula a pouca importância da disciplina para os alunos, que para obter a média de aprovação ainda continuam memorizando os conteúdos, acabando por gerar um distanciamento da importância do ensino de Geografia diante da realidade que é o de tomar ciente das adversidades das mudanças em todos os setores em que o ser humano esteja ou não inserido, mas, que faça parte dessas transformações. Castrogiovanni (2007, p. 42), comenta que:

Muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões [...]. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.

Diante desse conjunto de fatos, surge a preocupação tanto do professor como do aluno em aprender a Geografia por uma necessidade vital de sobrevivência. Embora existam alguns

¹Epistemológica - relacionados à crença e ao conhecimento. A teoria de Platão abrange o conhecimento teórico, o saber. É o estudo sobre o conhecimento científico, ou seja, o estudo dos mecanismos que permitem o conhecimento de determinada ciência. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, maio/ago. 2010)

fatores que conduzem esse componente curricular a se tornar por vezes até sem graça, com uma constante fragmentação de conteúdos, sob o caráter descritivo insistindo em manter no dia-a-dia do currículo escolar, bem como a falta de aplicação desta ciência na realidade dos alunos. Tais fatores a transformam em uma disciplina chamada em sala de aula de “chata”, cansativa e de pouca utilidade, na visão desses alunos.

Em relação aos professores, esses têm ao seu redor vários recursos nos quais eles podem realizar um trabalho mais efetivo e voltado para os problemas advindos do alunado que a escola recebe. Porém, ao invés de aderir a esses recursos, preferem se prender somente ao uso do livro didático, tornando as aulas cada vez mais cansativas, no qual na maioria das vezes não se tem a atenção dos alunos.

Jacques Therrien (2000, p. 76-77), ao realizar pesquisas em escolas públicas com a preocupação de saber como anda o fazer pedagógico, observou a falta de interesse dos alunos que consideram as aulas como ‘chatas e desinteressantes’, assim comenta:

Um dos momentos privilegiado para a convivência são as aulas de geografia, história e de humanas em geral: nestas, a turma fica ainda “mais leve”, aumentam as conversas e as brincadeiras atingem um nível maior de alunos. O mestre então tenta retomar o controle, usando a avaliação como punição [...].

Diante desse relato, pode-se entender que nas aulas de Geografia torna-se um descaso maior por parte dos alunos, pois, na maioria das vezes elas se resumem em leituras de texto geográficos, bem como a resolução dos exercícios cansativos do livro didático e aos apontamentos escritos no quadro, nos quais são expostos fatores que não despertam a curiosidade dos alunos.

Therrien salienta que é possível buscar respostas que amenizem o desinteresse dos alunos, pois, sabe-se que ele reside no fato de que a maioria dos temas são trabalhados pelos professores de forma isolada, sem motivação, de forma a memorizar, não fazendo uma relação direta com o dia-a-dia do aluno, onde a sua cultura é deixada de lado. Assim, esse professor se prevalece quando procura buscar o interesse do aluno através do ato punitivo sob uma avaliação mal conduzida, sem nenhuma relação com a aprendizagem do aluno.

Mesmo com a necessidade de melhorar a qualidade de ensino, ainda existem inúmeros professores que fazem o uso do livro didático como sendo seu único recurso, não fazendo uma análise dos textos nele exposto, apenas transmitindo sem nenhuma contextualização, não dando vida aos fatos nele explorados. Atento a essa prática não levando em conta a importância da Geografia dinâmica.

Portanto, cabe nesse momento uma reflexão sobre as discussões aqui expostas a respeito dos problemas do ensino de geografia, de forma que se possa envolver, desde a instituição escolar e a comunidade educacional nela envolvida, de forma que não sejam deixados de lado os fatores sócio-políticos e culturais, uma discussão complexa na qual possa atender aos objetivos aqui propostos.

1.1 Possibilidades de trabalhar a Geografia com a adesão dos sujeitos da aprendizagem

A mencionada problemática do ensino de Geografia é complexa e envolve vários fatores. Assim, a idéia do estudo não é de procurar maneira ou trazer fórmula mágica que possa amenizar tal problema, mas, sim de buscar possibilidades que possa ser trabalhadas envolvendo os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, de forma que a mesma seja mais atraente tanto para os alunos como para os professores, e a partir daí os mesmos possam adquirir soluções viáveis aos problemas que enfrentam no mundo em que vivem.

No decorrer da graduação ouvi-se falar constantemente em orientar, inovar, estimular, como trabalhar com aulas dinâmicas, entre outros. Entretanto, a maioria dos professores ainda persiste em trabalhar o método tradicional, tornando assim difícil de os alunos colocarem algum fato ou fenômeno geográfico (que viram e/ou ouviram), em seu dia-a-dia, durante uma possível prática. Permanecendo então, uma teoria que por vezes é espelhada pelos mestres na universidade.

Outra corrente que nos prende a falta de inovação é o ensino voltado para a denominada 'Geografia Tradicional', a qual está atrelada à reprodução de conceitos prontos, sem a intervenção dos sujeitos da aprendizagem. Tais estratégias, não funcionam, mas, ainda encontram-se reproduzidas, devido às circunstâncias de ordem mais estrutural ligadas ao fazer pedagógico.

De acordo com RIVERO (2007, p.14), se atentarmos ao discurso da maioria dos professores, veremos que este é acompanhado por uma série de "eu" e "meu" e outras expansões subjetivas: "a atividade que eu pensei", "o livro que eu escolhi", "o planejamento que eu fiz", "o que eu acho melhor para ele é...". Diante desses argumentos, será que em algum momento este professor pensou realmente no seu aluno? Questiona-se também: qual é o real centro do processo ensino-aprendizagem no contexto escolar? Tais indagações nos leva a decidir qual estratégia deve-se trabalhar no sentido de que a geografia deve ser apropriada por todos e não por alguns.

Por vezes a postura do professor conduz o mesmo a ter gostos e preferências que se sobrepõem às dos alunos. Como afirma Ivone Boechat (1998, p. 38) em seu trabalho *“Desafio da educação para um novo tempo*. Assim indaga a autora: *“Precisamos nos conectar nos sites dos alunos”*, ou seja: é mais fácil você chegar a 30, 40 alunos, a partir dos gostos e preferências deles do que atingi-los a partir do gosto “chato” e antigo de uma única pessoa – o professor”.

Para tanto, o estudo em pauta não tem apenas a pretensão de abordar algumas concepções teóricas ou metodológicas sobre educação. Mas, também focar as reflexões sobre a prática pedagógica, que podem tornar os nosso dia-a-dia na sala de aula mais prazeroso, tanto para os professores, quanto para os alunos.

Nesse sentido, observa-se que a prática docente não pode e não deve se restringir ao conteúdo propriamente dito é necessário ir mais além, despertar o interesse do aluno, mostrar a ele que o conhecimento não é algo pronto, acabado, dotado de uma verdade absoluta, e, sim, que pode ser revisto, construído com o seu auxílio, conhecendo sua realidade e valorizando os seus conhecimentos pré-existentes. Pois, no processo ensino-aprendizagem, o aluno necessita ser um agente ativo, importante, valorizado na construção do conhecimento.

Num mundo desenvolvido, dotado de tecnologias que geram inovações constantes, os profissionais de geografia necessitam estar bem informado. Para tanto, a formação desses profissionais necessitam estar adequada a essas novas exigências, acima de tudo, nas mudanças, o diferencial, está em cada professor, consciente do seu papel como educador, como formador de opinião sobre os fenômenos geopolítico e social.

Diante desse argumento, o intuito do estudo é despertar o interesse dos alunos e professores pela disciplina Geografia. E, para que ambos atuem de forma crítica deve trabalhar uma “nova metodologia”, tendo como parâmetro o cinema como recurso nas aulas de geografia. Campos (2006) faz uma menção ao se referir que trabalhar recursos audiovisuais, é uma necessidade do processo didático-pedagógico. Assim, o uso de filmes nas instituições de ensino básico é algo empregado há algum tempo, como bem enfoca Silva (2010), apesar disso, o cinema ainda não é recurso devidamente didático captado para dentro da sala, como esclarece Nascimento (2008).

Para Libâneo (2002, p. 58), em seu livro, *“Os professores e professoras nas escolas hoje”*, faz algumas considerações sobre os meios de comunicação na escola e propõe uma leitura pedagógica desses meios, tais como:

Fazer uma leitura pedagógica dos meios de comunicação é verificar a intencionalidade dos processos comunicativos (de natureza política, ética, psicológica, didática) presentes nas novas tecnologias de informação metodológica e organizativa. Isso ressalta a importância dos objetivos sociopolíticos dos processos comunicacionais e a discussão, pelos educadores, de uma proposta educacional, de um projeto cultural e educativo que tenha origem num projeto de gestão de sociedade.

Portanto, diante do enfoque de Libâneo podemos compreender que os meios de comunicação têm o poder de facilitar na aprendizagem do aluno, pois ao utilizar as novas tecnologias, o aluno pode tomar conhecimento dos fenômenos geográficos e facilitar sua apreensão. Nesse momento cabe a escola o papel de ser um ambiente educacional onde o aluno tenha a oportunidade de se apropriar do conhecimento geográfico.

CAPÍTULO II

2. O CINEMA: ENFOQUE HISTÓRICO

O Cinema teve seu apogeu com os primeiros trabalhos focados na obra dos irmãos Lumière por volta do final do século XIX em Paris. No Brasil, esta arte surge logo após as exibições dos irmãos Lumière, por volta do ano de 1896. Sua primeira exibição deu-se na cidade do Rio de Janeiro, passando a ser uma novidade fantástica para os brasileiros (BERNARDET, 1980).

Os primeiros trabalhos em relação ao cinema surgem com os filmes de curta metragem, pois, os mesmo eram filmados com poucos recursos (uma câmera parada) em preto e branco e sem a presença do som. As imagens eram exibidas através do aparelho denominado de cinematógrafo, o qual reproduzia os movimentos dos corpos fotografados, a partir daí, criava-se a noção de um filme, algo contínuo em movimento, (BERNARDET, 1980).

Os primeiros filmes produzidos tinham estrutura em espaços do cotidiano de determinados lugares de Paris, como por exemplo, a vista de um trem chegando à estação e pessoas caminhando na cidade. Portanto, foi assim que residiu a novidade: na ilusão. Essa ilusão de verdade, que se chama impressão da realidade, foi à base do grande sucesso do cinema. (BERNARDET, 1980).

Em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. Desde então, os cientistas e artistas não mediram esforços para reproduzir a realidade com meios artificiais. Com o passar dos anos, cineastas criaram novas técnicas de filmagem, expondo novas ideias e pensamentos, incentivando tendências e modificando a cultura em diversas sociedades.

Somente por volta da metade do século XX, surge a produção de filmes de larga escala, pelo fato do desenvolvimento tecnológico e o crescimento da indústria cinematográfica, como bem enfoca Duarte (2002, p. 28), os filmes apresentava características de:

[...] fácil compreensão, construídas de forma linear (início, meio e fim), quase sempre com final feliz (o famoso *happyend*, característico do cinema realizado em Hollywood). Apoiadas em recursos técnicos cada vez mais sofisticados e produzidos em escala industrial.

Para tanto, os filmes produzidos nos Estados Unidos passaram a ser assistidos em escala mundial, criando um dos pontos mais fortes da cultura ocidental. Apresentava em geral, filmes com cenas de excelente qualidade, pois tinha tecnologias e propagandas de órgãos governamentais, como forma de aparelho ideológico do governo dos Estados Unidos.

2.1 A Sétima Arte: o cinema no Brasil

No Brasil, as imagens das telas passaram ser vista como lazer inicialmente, mais logo após passaram a ser compreendida como uma estratégia metodológica no espaço educativo. E, nesse contexto, Louro (2003, p. 423) enfatiza que:

No Brasil dos anos 40 e 50, o cinema era um “evento social” que mobilizava e fascinava uma expressiva parcela da população urbana. O cinema era também, já naquela época, uma instância educativa potente. Poderosamente, sedutoramente, o cinema se constituía como uma nova pedagogia cultural.

Tais tramas passaram a encantar a população produzindo emoções aos indivíduos que assistiam as cenas, que poderia ser de tristeza, alegria, pensar insensatos ou emotivos ou ainda de vitórias. Para tanto o hábito de ir ao cinema contribuiu substancialmente na evolução dos estilos de filmes tais como: aventura, comédia, ficção, ação, entre outros, que foram surgindo com o passar do tempo. E de forma acentuada tais filmes passaram a moldar a maneira de ser, e de comportamento dos jovens das décadas de 40 a 60 do século XX.

Diante desse enfoque Louro (2003, p. 423), faz o seguinte comentário:

O cinema constituía-se numa pedagogia cultural muito abrangente, mas que interpelava de forma expressiva e peculiar a juventude. Essa afirmação provavelmente assume um significado especial quando referia aos anos 50 e 60. Essa época, a “juventude” parece se distinguir, de um modo mais efetivo, da vida adulta, adquirindo um significado especial e particular: seu comportamento, suas roupas, seus corpos, sua música, sua dança, sua linguagem e suas estéticas ganhavam, então, um estatuto próprio.

Apesar das críticas, o cinema no Brasil tornou-se mais do que um meio de diversão e cresceu de tal forma que chegou a ser um acontecimento social e educacional, até os dias atuais. Tendo em vista que existe atualmente o cineclubismo. Monteiro e Machado (2010, p. 100) destacam que em 1970 surgiu no Brasil o CINEDUC – Cinema e Educação, tendo como eixo temático:

[...] as próprias realidades com que atua, partindo do conhecimento do espaço para chegar à ação. Através da linguagem audiovisual, transforma sua ação em atividade lúdica, marcada pelo prazer, expectativa, surpresa, encantamento, buscando a instrumentalização do ser humano como gente transformador.

Nesse contexto, podemos salientar que o filme tem um poder de possibilitar ao ser humano tornar mais informado sobre os problemas sócio educacionais. No momento atual, na virada do século XX, e a isenção das novas tecnologias em grande escala, grande parte da sociedade não está mais tão ligada ao cinema como antes, pelo fato de existirem outros espaços e meios tecnológicos que transmitem filmes, não havendo necessidade de deslocar-se a uma sala escura com uma tela enorme. Dentre os recursos mais comuns temos a exibição com, *data show* e um computador, em qualquer parede branca que possibilite a projeção, bem como os telões.

Apesar das inúmeras mídias que transmitem filmes e das outras artes existentes como: Arquitetura, Pintura, Escultura, Música, Literatura e o Teatro, que colocadas em ordem pela Academia de Arte na Europa no fim do século XVIII, consagra-se o lugar do cinema como a Sétima Arte. Mesmo com várias formas atrativas da mídia televisiva e outras, o cinema ainda tem o poder de envolver pessoas para se emocionarem com sua linguagem especial, podendo ser empregado como uma ferramenta social, ao expressar problemas sociais, enfocando abordagens críticas sobre diversos conteúdos em várias áreas, principalmente em sala de aula, o qual pode esclarecer e tornar o conhecimento mais dinâmico e acessível durante processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Conceitos diferenciados

A compreensão da linguagem expressa no cinema passou a ser a grande arma em sua evolução, pois a expressão de realidade e a ilusão de verdade foi justamente o que contribuiu efetivamente no seu grande sucesso. Assim, passamos a entender que o cinema é imagem em movimento que está associada a uma trilha sonora, o que se compreende como linguagem audiovisual em sua expressão maior.

Portanto para que se possa fazer uma relação estreita do cinema e a Geografia e seu ensino, se faz necessário compreender também o conceito etimológico do cinema que direciona para o objetivo desse estudo. Nesse sentido, temos Teixeira (2005, p.07), o qual enfoca que o cinema tem sua constituição etimológica de origem grega *Linei* e a latina *ciericitus*, ambas as palavras relativas ao movimento das coisas.

Concomitante Chauí (1997, p. 333) faz suas referências a respeito do cinema, enfocando que:

O cinema é a forma contemporânea da arte: a imagem sonora em movimento. Nele a câmara capta uma sociedade complexa, múltipla e diferenciada combinando de maneira totalmente nova, música, dança, literatura, escultura [...] e pelos efeitos especiais, criando realidades novas, insólitas, numa imaginação plástica infinita que só tem correspondente nos sonhos.

Esse movimento abordado por Teixeira Chauí, defendido por Geiser (2004, p.11), como sendo: “[...] uma arte que trabalha com a imagem construída, regra geral, por um conjunto de fotografias que foram tomadas de forma sequencial e impresso sobre uma fita de celulóide”.

Bernardet (1980, p. 124) defende em seu trabalho “*O que é cinema*”, que o cinema é assim conceituado como:

[...] um complexo ritual [...] que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidora que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores [...].

Complementando a fala de Bernardet, Barbosa (2000. *Apud*, CAMPOS 2006, p. 1), entende que o cinema é:

[...] um sistema complexo que através de tecnologia, iluminação, edição, cenário, direção e outros aspetos, podem contribuir para a construção de imagens de mundo. Muitas das realidades evocadas são ausentes estando presente apenas na imaginação, dissolvendo fronteiras entre o imaginário e o real.

Além de vários conceitos aqui enfocados, o cinema apresenta também um conjunto de variações quanto ao gênero. Por sua vez, o cinema tem sua origem na indústria americana como enfatiza Nogueira (2010, p. 39), e pode ser definido como: “uma categoria ou tipo de filmes, que congrega e descreve obras a partir de marcas de afinidade de diversa ordem, entre as mais determinantes tendem a serem as narrativas ou as temáticas”.

Inicialmente o cinema tinha roteiros cinematográficos que eram ilustrados com figuras nas quais os espectadores apreciavam as imagens que ilustravam passagens vivenciadas. Com o passar dos tempos, esses roteiros foram sendo aperfeiçoados, e o gênero passou a trazer o

espectador para mais perto da tela, como o intuito de popularizar-se, como enfatiza (FRANÇA, 2002).

Com o crescimento do cinema ao longo do século XX surge sua divisão tipológica, as quais promoveram os gêneros cinematográficos, o que para Nogueira (2010, p.1), eram compreendidos como: “um campo amplo e diverso e permite estabelecer relações de semelhança ou identidade entre as diversas obras”.

Napolitano (2009, p.34), reforça a discussão abordando que os gêneros cinematográficos podem ser assim classificados:

- a) **Drama**- Os filmes de gêneros dramáticos geralmente centram suas histórias em conflitos individuais, provocados por problemas existenciais, sociais ou psicológicos, além do dissenso amoroso ou afetivo. Neste caso, o drama costuma partir de um conflito inicial, uma situação tensa que pode ou não ser reparada no desfecho. [...].
- b) **Comédia**- Na comédia, situações patéticas, jogos de linguagem verbal ou peripécias que levam a mal-entendidos, envolvendo um ou mais personagens. [...].
- c) **Aventura**- Na aventura, o elemento que predomina é a ação, opondo o Bem contra o Mal, narrada em ritmo veloz e encenando situações-limites de risco ou morte. [...].
- d) **Suspense**- No suspense, mais importante do que a ação em si é a trama, o mistério a serem desvendado, as situações envolvendo peripécias não previstas pelo espectador.

Além desses gêneros descritos por Napolitano (2009) existem ainda várias modalidades de gêneros em que o cinema se apresenta, tais como: Animação, Ação, Ficção Científica, Fantástico, *Filmnoir*², Musical, Terror, *Thriller*³, *Western*⁴, entre outros. Portanto,

² *Filmnoir* (pronuncia-se no-ar) é um estilo de filme primariamente associado a filmes policiais, que retrata seus personagens principais num mundo cínico e antipático. O *Filmnoir* é derivado dos romances de suspense da época da Grande Depressão (muitos filmes noir foram adaptados de romances policiais do período), e do estilo visual dos filmes de terror da década de 1930. Os primeiros *Filmnoirs* apareceram no começo da década de 1940. Os "Noirs" foram historicamente filmados em preto-e-branco e eram caracterizados pelo alto contraste, com raízes na cinematografia característica do expressionismo alemão. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Film_noir);

³ *Thriller* é o sexto álbum de estúdio do famoso cantor e compositor norte-americano Michael Jackson. Foi lançado em 30 de novembro de 1982 pela gravadora Epic/CBS Records, como sequência a *Off the Wall*, álbum de 1979 que foi um grande sucesso de crítica e público. *Thriller* explora gêneros semelhantes aos que foram abordados em *Off the Wall*, como o pop, soul, R&B, rock e o pós-disco (http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_western).

⁴ O chamado **cinema western**, também popularizado sob os termos "filmes de cowboys" ou "filmes de faroeste", compõe um gênero clássico do cinema norte-americano (ainda que outros países tenham produzido *westerns*, como aconteceu em Itália, com os seus *western spaghetti*). O termo inglês *western* significa "ocidental" e refere-se à fronteira do Oeste norte-americano durante a colonização. Esta região era também chamada de *farwest* (extremo oeste) - e é daqui que provém o termo usado no Brasil e Portugal, faroeste (também se usou o termo juvenil *bang-bang*, na promoção das antigas matinês e de quadrinhos). Os *westerns* podem ser quaisquer formas de arte que representem, de forma romanceada, acontecimentos desta época e região. Além do cinema, podemos referir ainda a escultura, literatura, pintura e programas de televisão (http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_western).

é necessário destacar a importância das narrativas do cinema de qualquer gênero, pois cada um dele tem seu espaço e tempo decorrente à evolução cinematográfica.

2.3 Características do cinema novo

O Cinema Novo nasceu no ano de 1952, com o surgimento do I Congresso Paulista de Cinema Brasileiro e conseqüentemente no I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Estes eventos ficaram marcados por vários debates e encaminhamentos de idéias que já vinham sendo amadurecidas por parte da sociedade que relatava sobre o desmoronamento dos grandes estúdios cinematográficos da cidade de São Paulo.

Tal preocupação da sociedade paulista, seria o desejo de ver um cinema realizado com maior realismo, mais substância e mais barato, inspirado pelo Neorrealismo⁵ dos cineastas italianos e pela '*Nouvelle Vague*'⁶ francesa, surgiu o movimento brasileiro, intitulado Cinema Novo.

Em Portugal surge nesse mesmo período uma escola com o nome de um contexto semelhante, 'Novo Cinema', o qual garantiu ao grupo paulista como fonte de inspiração e criativo nessa direção.

Nesse contexto, os jovens artistas que participaram nos Congressos realizados no ano de 1952, passaram a definir novos parâmetros que deram base na elaboração dos novos filmes nacionais. Vários cinemas deram início a uma nova etapa na história do cinema brasileiro, a partir do filme Rio-40 Graus, de Nelson Pereira dos Santos, lançado em 1955, completamente influenciado pelo realismo italiano⁷.

⁵ O **neorrealismo** foi uma corrente artística de meados do século XX, com um caráter ideológico marcadamente de esquerda / marxista, que teve ramificações em várias formas de arte (literatura, pintura, música), mas, atingiu o seu expoente máximo no Cinema neorrealista, sobretudo no realismo poético francês e no neorrealismo italiano. Com o mesmo nome, mas com distinção, pode ser observada uma Teoria das relações internacionais (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neorrealismo>).

⁶ A **Nouvelle vague** (*Nova onda*) foi um movimento artístico do cinema francês que se insere no movimento contestatário próprio dos anos sessenta. No entanto, a expressão foi lançada por Françoise Giroud, em 1958, na revista *L'Express* ao fazer referência a novos cineastas franceses. Sem grande apoio financeiro, os primeiros filmes conotados com esta expressão eram caracterizados pela juventude dos seus autores, unidos por uma vontade comum de transgredir as regras normalmente aceitas para o cinema mais comercial (http://pt.wikipedia.org/wiki/Nouvelle_vague).

⁷ O **Neorrealismo italiano** foi um movimento cultural surgido na Itália ao final da segunda guerra mundial, cujas maiores expressões ocorreram no cinema. Seus maiores expoentes foram Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e Luchino Visconti, todos fortemente influenciados pelos filmes da escola do realismo poético francês. O cinema neorrealista italiano caracterizou-se pelo uso de elementos da realidade numa peça de ficção, aproximando-se até certo ponto, em algumas cenas, das características do filme documentário. Ao contrário do

Assim, os ideais do Cinema Novo se expandiram para os artistas cariocas e baianos, que decidiram adotar os mesmos mecanismos em seus trabalhos. Sai então de moda os filmes suntuosos produzidos anteriormente pela Vera Cruz, ou seja, nenhum espaço para a alienação inerente às deliciosas chanchadas realizadas pelos grandes estúdios. Assim, o que se desejava na verdade era o cinema criado com “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”.

Dessa forma o destaque dado ao Cinema Novo, direciona para a esfera dos conceitos a ele atribuídos, em seu auge, tais como: “cinema cabeça ou autoral”. Nesse enfoque é importante refletir que nas telas do cinema se encontrava a realidade do contexto sócio cultural, educacional brasileiro, entre outros segmentos, através de uma linguagem que mostrava à realidade social de sua população.

Muito embora enfatizasse essa realidade o cinema passou por momentos em que deflagrava uma estética com predominância de deslocamentos lentos e escassos da câmera, os ambientes apresentam luxo, com destaque conferido aos diálogos dos personagens principais dos filmes, muitos deles filmados em preto e branco. Assim o governo Federal pública o documentário com as etapas do cinema brasileiro tais como:

- a) Durante a primeira etapa dessa escola, que se estende de 1960 a 1964, os cineastas se voltam para o Nordeste como fonte temática, abordando os graves problemas que afetam o sertão. Daí vem à iniciativa do lançamento de ‘Vidas Secas’ (Nelson Pereira dos Santos) e ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’ (Glauber Rocha), que nesse momento ficaram como sendo os diretores mais conhecidos, entre outros como Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues, Paulo Cesar Saraceni, Leon Hirszman, David Neves, Ruy Guerra e Luiz Carlos Barreto.
- b) A segunda fase, que vai de 1964 a 1968, reflete a meditação destes cineastas sobre os olhos da Ditadura Militar para a política e a economia brasileira, e as consequências do desenvolvimentismo adotado pelos militares. Surge então ‘O Desafio’ em 1965 (de Paulo Cesar Saraceni), ‘O Bravo Guerreiro em 1968’ (de Gustavo Dahl), ‘Terra em Transe de 1967’ (de Glauber Rocha).
- c) A terceira e última etapa do Cinema Novo, que se prolongou de 1968 a 1972, traz a tona o desgaste sofrido por este movimento, com a repressão e, principalmente, com a

censura. Pois, as produções deste período são profundamente inspiradas pelo Tropicalismo⁸.

Passando nesse momento a recorrer ao famoso exotismo nacional, com o uso de pessoas, animais e objetos que caracterizasse o Brasil, por exemplo, a presença de paisagens com índios, araras, e até frutas como bananas, ou seja, coisas típicas do país. Mas, em meio ao declínio, o ‘Cinema Novo’ lança no mercado o clássico que consagrou sua importância, o filme “*Macunaíma*” de Joaquim Pedro de Andrade com participação de Grande Otelo com ator principal, assim, o cinema resgata a obra prima do escritor Mário de Andrade.

Tal entusiasmo pouco demorou, pois, os mecanismos repressivos da Ditadura Militar põem a baixo o interesse desse movimento, obrigando muitos de seus representantes a fugir para outro país. Meio a esse impasse alguns veteranos do Cinema Novo procuram se conformar ao contexto político e resguardas, dando vez aos mais novos que passaram a rejeitar o cenário opressivo, no qual da lugar então ao Cinema Marginal, ficando assim em sua clandestinidade (Mascarello, 2006).

2.3.1 Filmes que representam o movimento cinema novo no Brasil: caracterização

Diante dos movimentos surgiram no Cinema Novo filmes que passaram a focar em suas projeções as contestações sobre valores sociais, políticos e estéticos, tendo como enfoque os ideais que se baseavam na pobreza, problemas nacionais, em independência e a anti - indústria, caracterizando por vezes as áreas rurais e urbanas de acordo com a produção. Assim temos alguns filmes que tornaram importantes nesse movimento.

a) Rio, 40 Graus

Filme de Nelson Pereira dos Santos no ano de 1955, o qual aborda uma narrativa simples, em que mistura personagens e lugares de forma a remeter a cidade que era capital do país na época. Considerado um filme aberto por mostrar a população às características simples como um Distrito Federal, onde ressaltava praças da cidade, favelas, praias,

⁸Tropicalismo - Movimento cinematográfico surgido no Brasil, na segunda metade dos anos 50, o Cinema Novo inaugura uma perspectiva crítica em relação ao cinema então produzido no Brasil, por estúdios como os da Vera Cruz. Seus diretores, críticos e teóricos procuraram contrapor novas idéias aos valores estéticos de uma cultura cinematográfica dominada por interesses industriais. Seus filmes inauguravam o que se chamava de “aventura da criação” (<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/geleia-geral/cinema-novo>).

governantes e estádios de futebol entre outros. Assim o filme atua mostrando um documentário da cidade do Rio de Janeiro, enfocando os ambientes urbanos.

Caracterizada como uma obra de caráter popular revela as entranhas do povo para a própria população. Nela, não foi abordado em sua simplicidade o artificialismo da fala empolada, pois, a narrativa se desenrola em ambientes naturais, como o Maracanã, o Corcovado, as favelas, praças urbanas, retratando patifes, soldados, favelados, crianças no mundo do crime (História do Cinema Mundial – Fernando Mascarello, 2012).

b) Os Cafajestes

Criado por Ruy Guerra por volta do ano de 1962, em plena Ditadura Militar, o filme apresentava planos sequência com argumentos que aumenta a percepção e transforma o seu real significado. A obra cinematográfica aborda e ao mesmo tempo incorporam uma visão fragmentada do mundo que vive as pessoas nesse período, reunindo seus personagens num contexto mais amplo de percepção sobre a temática do enredo. Tal preocupação se reflete na forma como filme remete a outra escola cinematográfica chamada *Nouvelle Vague* já que demonstra uma preocupação cosmopolita⁹. O filme também traz a tona em alguns momentos um formato de documentário.

c) Deus e o Diabo na Terra do Sol

Produzido por Glauber Rocha, em plena revolução no ano de 1964, o filme une a mensagem política e a poética. Tem com propósito mostrar a realidade como uma verdade ou imaginação. Nele retrata a imagem do indivíduo que faz o papel do porta-voz da nação, mas, ambientado no sertão.

d) Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro

De Glauber Rocha, lançado no ano de 1968, no qual trata de uma mistura do cordel e a ópera. Tendo como prioridade o lado sertanejo e musical dos personagens atuantes, destacando os ritos folclóricos da população sertaneja.

⁹A preocupação cosmopolita [de Mário de Andrade], que sucede às grandes transformações urbanas do começo do século, corresponde à fase vanguardista, a máscara do 'trovador arlequinal', do poeta sentimental e zombeteiro que encarna o espírito da modernidade e de suas contradições.
<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia>

e) Terra em Transe

Também de Glauber Rocha, produzido e levado aos cinemas em 1968, tem como foco discutir e mostrar os problemas nacionais, resultados dos conflitos sociais os quais aborda os segmentos religioso, cultural e partidos políticos em um só enredo.

f) O Bandido da Luz Vermelha

Produzido por Rogério Sganzerla no ano de 1968, com sérios problemas em seu lançamento, pois, os personagens desse filme não tinham esperança de se concretizar a obra e no decorrer do filme se desestruturam. O filme tratava de um conflito em que o personagem principal tinha seu lado cruel e violento, mas, mostrava-se também sensível, em algumas cenas. Na tentativa de saber sua própria identidade ele tenta por várias vezes suicidar-se.

O filme define o *Terceiro Mundo* como sendo um lugar marginalizado, onde os seres humanos são facilmente corrompidos e todos são vulneráveis, mostrando assim uma característica forte das condições que se encontrava o Brasil, um país em subdesenvolvimento.

g) A Grande Cidade

Filme idealizado por Carlos Diegues, em 1966, resgata a personagem 'Luiza', migrada do nordeste que ao chegar ao Rio de Janeiro procura seu noivo 'Jasão', e finda descobrindo que ele mora numa favela e que é um temido assaltante. Durante o filme a personagem 'Luiza' tenta salvar o seu parceiro, mas, não sendo bem sucedida em impedir o destino cruel de seu noivo que acaba sendo vítima de conflitos e da grande violência da cidade 'maravilhosa'.

Portanto, temos uma preocupação em focar essa linha literária do movimento social em que desvela o cinema brasileiro, tendo como enfoque educacional a importância do espaço geográfico onde são lançadas mãos dos autores para abordar suas temáticas.

CAPÍTULO III

3. O CINEMA E O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO ESCOLAR

O cinema deve ter uma enorme importância no ensino de Geografia, pois, como estratégia no processo ensino-aprendizagem, ele se destaca como sendo um veículo de comunicação no qual busca resgatar o pensamento crítico dos sujeitos desse processo, como bem enfoca Rocha (2008), essa mudança de postura reflete no aluno o interesse maior pelas aulas de geografia. Apesar de algumas limitações serem atribuídas ao ensino de geografia como, uma baixa carga horária do componente curricular, a estrutura como as escolas se apresenta, sem muitos recursos, sem falar que atrelado a esses fatores está o desestímulo do próprio professor.

Ao se tratar do trabalho desenvolvido com exibição de filmes em sala de aula, nos deparamos com um fator negativo: o tempo da carga horária em cada ano de estudo na disciplina Geografia. Nesse contexto Campos (2006), faz uma menção a essa problemática, com um tempo pequeno, se faz necessário utilizar várias aulas. Mesmo assim o autor atenta para que os professores sugiram que seus alunos assistam aos filmes em grupos em suas residências para uma posterior discussão do problema abordado, fazendo uma ponte com os conteúdos ensinados em sala de aula.

3.1 Recursos que ajudam

Dentre os recursos que podem colaborar no ensino de Geografia na inserção do cinema em sala de aula, temos com mais frequência os 'audiovisuais' como recurso didático-pedagógico que estão presentes em basicamente todas as escolas do país, pois, essa prática vem sendo trabalhada há bastante tempo no ensino básico, por se tratar de um aspecto que é captado como mais facilidade pelo aluno.

Enfatizado por Silva (2010, p. 34), os recursos audiovisuais se destacam no trabalho com o cinema em sala de aula da seguinte maneira:

Dispondo de material diverso, o cinema pode ser um excelente recurso de linguagem na sala de aula, pelas possibilidades de discussão e argumentação de diferentes temáticas que leve o aluno a reflexão de elementos e fatos do cotidiano, em uma sociedade composta pela diversidade.

Justamente pelo fato de o ensino de Geografia abordar a questão do espaço, lugar, território e paisagem, é que os cinemas são bem trabalhados e os filmes são bem aceitos pelos alunos diante desse recurso, como é o caso da TV e vídeos, muito embora não sejam exploradas apenas essas dimensões geográficas em sala de aula, mas, como o conteúdo em si já é explanado pelo professor, torna-se mais fácil de ser compreendida pelo aluno a exibição cinematográfica.

Associado a essa discussão Azevedo (2009, p.101) comenta que: “Veiculando significados sobre lugares e sobre a relação dos indivíduos com os lugares, o cinema vê-se configurado como campo de análise, proporcionando a compreensão de como os indivíduos percebem e representam o espaço” e daí surge às relações de emoções onde cada aluno faz com os lugares enfocados na exibição do cinema. Assim, “os valores, a moral, a ideologia e da ética” (p.101), faz como essa construção do espaço exprima o contexto sociocultural de cada momento.

Para tanto, utilizar exibição de filmes em sala contribui na facilidade da análise e compreensão de imagens, as quais são consideradas fatores externos que favorece de forma eficaz na aprendizagem da geografia por parte do aluno. Da mesma forma, o filme em sala de aula fornece ao educador subsídios importante no desenvolvimento de sua prática pedagógica, a qual facilita nas análises dos filmes fazendo um contexto com os conteúdos de geografia.

Para Costa e Anjos (2011), tais representações é a realidade sócio educativa exposta nos elementos constitutivos do ensino de geografia tais como: o espaço, imagens, problemas sócio econômicos entre outros.

Nesse sentido, o professor necessita estar apto para um melhor aproveitamento e utilização das novas linguagens pautadas nas imagens, visto que produzir conhecimento geográfico não se limita a “conceitos genéricos” (NEVES, 2010). Assim, antes de tudo “o filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de busca de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo” (CAMPOS, 2006, p.3).

Exibir um filme e o espaço o qual ele representa estão inseridos vários elementos, numa realidade, tais como: decompor o texto, recriar os fatos, enfocar o imaginário, como bem caracteriza Neves (2010, p. 148). “Os elementos que estão impressos e que compõem a paisagem geográfica, o cinema os recria, à sua maneira, constituindo de novas formas de perceber e visualizar os espaços (...) explora com o intuito de atribuir sentido a narrativa filmica”.

Nesse contexto, trabalhar com filmes nas aulas de Geografia é de fundamental importância, pois o cinema pode resgatar imagens que estão em um passo que ainda permanece vivo na sociedade, como por exemplo, um fato histórico, ou mesmo um local onde se passa um fenômeno, onde é tomado por uma câmera, mostrando as características geográficas desse espaço geográfico.

3.2 Contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula

A explosão tecnológica nos anos 90 do século XX deu um avanço substancial na produção e exibição no ramo da imagem no Brasil, seja de forma mais simples como ler um jornal, uma revista ou um livro, assistir a programação da televisão entre outros, bem como, de maneira mais complexas como a captação de sinais espaciais de transmissores de imagens como a do 'Brasil Sat', os exames clínicos sofisticados (SILVA, 2007). E, nesse contexto encontra-se a escola que se configura como um espaço educacional que tem o papel de inserir na sociedade tais conhecimentos.

De forma direta ou indireta a tecnologia se faz presente nas instituições de ensino, muito embora não estando ao alcance de todos que fazem as mesmas, um número significativo de escolas já trabalham as tecnologias, em específico com a exibição de cinemas, que tem contribuído no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Tais tecnologias avançam a cada dia, tornando-as mais acessível às escolas trabalhar com o cinema. Nos dias atuais, exibir um filme através dos aparelhos (computador e Data Show), não é mais uma novidade, pois, grande parte das escolas é beneficiada pelos Programas de inserção de tecnologias do MEC, através das Secretarias da Educação dos Estados e Municípios.

Gusmão e Sampaio (2005, p. 99), fazem um alerta aos professores enfatizando que:

É necessário que o professor entre em contato com o mundo dos alunos. O mundo da TV, do Game, do vídeo, do computador. Pois, é preciso que o aluno sinta-se motivado para dar contribuições ao processo de aprendizagem, cabe ao professor inovar, buscar entender e se relacionar com essas novas técnicas do ensino.

Essa contribuição que o professor já tem hoje em sua sala de aula, através de recursos tecnológicos se configura também como recursos didáticos e/ou pedagógicos, se destacando como um forte aliado na aprendizagem do aluno. Tal argumento é reforçado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs Brasil (1998, p. 141), onde fica claro que:

Na escola, podem ser usadas para obter, comparar e analisar informações, de diferentes naturezas, sobre períodos históricos, fenômenos naturais, acontecimentos mundiais, usos de linguagem oral e escrita etc., por meio de uma apropriação ativa da informação, que gere novos conhecimentos tecnológicos.

Percebe-se então que existe uma grande quantidade de recursos didáticos modernos e/ou sofisticados como os audiovisuais, produtos do desenvolvimento tecnológico. O que para Vieira e Sá (2007) o cinema encontra-se inserido como um recurso que pode trazer a tona à cultura dos educandos.

Explorar “o *ver*, e o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as *relações espaciais*” como bem enfoca Morán (1995, p. 28), é facilitar a aprendizagem de determinado conhecimento, pois, é nesse momento que se pode fazer uma relação óbvia e direta com as coisas que são focalizadas nas imagens exibidas.

No ensino de Geografia a utilização de imagens tem facilitado como compreensão de tabelas, mapas, gráficos e fotos que esboçam determinados fenômenos geográficos, pois para Neves e Ferraz (2007, p. 76), assegura que: “o controle tanto imperativo quanto criativo das imagens, num projeto racionalista da sociedade industrial moderna, optou, por um aspecto, em fazer uso destas a partir do estreitamento lógico das mesmas aos referenciais dos parâmetros da lógica gramatical”.

Muito embora nos dias atuais haja restrição do uso do cinema em sala de aula como um recurso pedagógico. Pois, por vezes persistem também numa cultura em não aceitar o cinema como arte vinculada à educação, entendendo que cinema deve ser uma forma de entretenimento social, apesar das artes mais clássicas, bem como literatura medieval e contemporânea serem enfocadas com maior ênfase no cinema internacional.

Já o cinema brasileiro com os curtas-metragens e as séries, tem contribuído com as discussões de muitos problemas relacionados à educação brasileira na sala de aula, porém, o primeiro longa-metragem produzido no Rio de Janeiro, o filme Rio – 40 Graus, que enfatiza a vida de cinco vendedores de amendoim, moradores do Morro do Cabuçu, que têm de trabalhar no domingo para comprar um instrumento sócio-educacional “uma bola”. Tal produção passou a ser um recurso didático de várias discussões em sala de aula.

Portanto, utilizar um filme como recurso didático facilita a aprendizagem, fazendo com que o aluno encontre uma nova maneira de pensar e entender a Geografia, sendo mais uma opção interessante e motivadora, que não seja meramente ilustrativa e nem substitua aos conteúdos, mas, que seja inserido como recurso crítico e reflexivo de aprofundamento do conhecimento geográfico em sala de aula.

3.3 Sugestões e procedimentos ao utilizar o cinema em sala de aula

A partir desse momento a pesquisa passa a enfocar algumas sugestões e procedimentos sobre a utilização do cinema em sala de aula. Temos como foco um filme que se projetou no ano de 1955, ou seja, com mais de 50 de sua existência o filme longa-metragem Rio – 40 Graus, ao ser produzido no Rio de Janeiro. (SALEM, 1987).

a) Características o filme “Rio 40 Graus”

Em seu aspecto histórico, o filme foi produzido em setembro de 1955, primeiro longa-metragem do paulista Nelson Pereira dos Santos. O filme na 1ª análise realizada pela censura, em 1955, foi liberado para maiores de 10 anos, mas, com um mês depois foi vetado pela censura pelo então Coronel Geraldo de Menezes Cortes, chefe da Segurança Pública, que mesmo não tendo ele visto nenhuma imagem, a considerou ser de “elementos comunistas”, produzido com recursos vindo de Moscou, URSS. Apesar de o autor ser filiado ao PCB na época, vivia então na clandestinidade (SALEM, 1987).

No dia 29 de setembro do mesmo ano o então Coronel, deu uma entrevista coletiva para justificar sua decisão, afirmando que *“O filme Rio, 40 graus tem como fim a desagregação do país. O mesmo só apresenta os aspectos negativos da capital brasileira, e foi feito com tal habilidade que serve aos interesses políticos do extinto PCB (Partido Comunista Brasileiro)”*. Somente em março de 1956 o filme “Rio, 40 graus” estreou nos cinemas, explorando o episódio de sua proibição com o slogan “O filme que abalou o país”.

b) Prática e Atividades em sala de aula:

Conteúdo: As desigualdades sociais

1) Planejamento e preparação do professor:

- Antes de apresentar o filme *Rio, 40 graus* em sala de aula, o professor deve assisti-lo afim de identificar:
 - a) Se o filme apresenta um conteúdo pedagógico adequado para cada nível de aluno;
 - b) Se tem relação com algum conteúdo pedagógico da turma;
 - c) Se contém cenas que agrida os valores éticos, morais, culturais e religiosos deles;
 - d) Ter um conhecimento prévio sobre a temática abordada na obra, sobre os conceitos e valores mobilizados e analisar a qualidade do material fílmico.

- O professor precisa também ter um planejamento prévio através do qual tenha clareza dos objetivos que pretende atingir ao utilizar o filme *Rio, 40 graus* em sala;
- O Professor deve selecionar como serão a apresentação do filme *Rio, 40 graus*, se o utilizará na íntegra ou somente algumas cenas (selecionar previamente a sequência das mesmas).

2) Apresentação e execução:

- Antes de exibir o filme *Rio, 40 graus* é importante que o professor informe a turma os dados gerais do filme como autores, diretor (es), roteirista (s), o (s) país (es) de origem, ano de lançamento e contexto em que foi produzido, premiações, entre outros;
- O professor deve ainda justificar, para a turma, o emprego do filme *Rio, 40 graus*;
- Durante a exibição, o professor deve ficar dentro da sala de aula atento às reações da turma e pode fazer pequenas pausas para breves comentários sobre o assunto em discussão;
- Após a exibição do filme *Rio, 40 graus*, caso haja necessário, algumas cenas poderão ser revistas, para que a turma veja certos pontos não observados anteriormente.

3) Debate e reflexão:

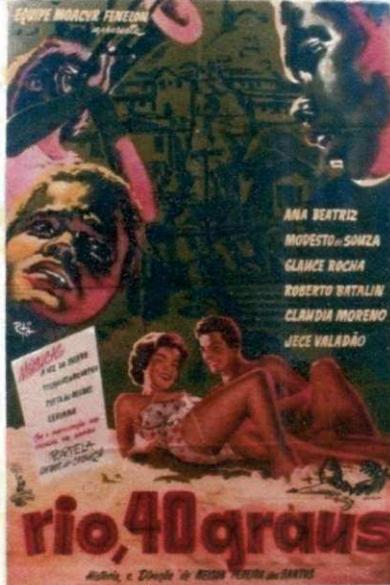
- Após a exibição, o professor deve levantar um questionamento sobre o fenômeno(s) e acontecimento(s) geográfico apresentado no filme *Rio, 40 graus*. Nesse momento, são interessantes questões orais do tipo:
 - a) Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem? Justifique sua resposta.
 - b) Você aprendeu alguma coisa com este filme? O que?
 - c) Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva as cenas que você achou que mais se assemelha com a realidade. Quais cenas parecem ser menos realistas? Por quê?
 - d) Qual é a síntese da história contada no filme?
- Após descobrir o(s) fenômeno(s) geográfico(s) a partir das imagens do filme *Rio, 40 graus* e das questões levantadas, o professor seleciona um deles para discussão.

- O professor deve associar o conteúdo do filme com o conteúdo do livro didático que está trabalhando ou que já foi trabalhado em sala.
- 4) O professor deve associar o conteúdo do filme com a vida do educando.
- 5) Atividade:
- Após a discussão, o professor deve solicitar um relatório, no qual os alunos associem os fatos do filme com o conteúdo pedagógico assim como também com suas vidas.
- 6) Conclusão ou síntese:
- Após debater com os alunos, o professor pode realizar uma síntese final sobre o filme *Rio, 40 graus*; apontar os objetivos da atividade; relacionar o conteúdo do filme com o conteúdo de ensino; e indicar leituras complementares (livros e artigos).

É importante frisar que a proposta de procedimentos didáticos a ser desenvolvida pelo docente em sala de aula acima é um roteiro simples e esquematizado com algumas maneiras de trabalhar o vídeo em sala de aula. É necessário deixar claro que não existe uma ordem a seguir exatamente e que as mudanças a serem feitas cabem a realidade do professor e aluno.

Para usar qualquer filme em sala de aula, o professor não necessita ser nenhum especialista ou crítico em cinema, basta apenas ter domínio dos processos de desconstrução e construção fílmica, assim como também utilizar a imaginação para, assim, tornar a prática pedagógica mais dinâmica e significativa para a aprendizagem dos educandos. Nota-se, no entanto, que é um exercício de experimentação e que os procedimentos metodológicos adotados dependerão da disponibilidade de tempo e espaço, dos debates oferecidos, atividades didáticas, conhecimento prévio, textos de apoio, repertório cultural, recursos disponíveis, entre outros.

c) **Figura 1:** Elenco do Cinema – Rio, 40 Graus

	<p><u>Ficha Técnica</u></p> <p><u>Título original:</u> Rio, 40 Graus</p> <p><u>Gênero:</u> Drama</p> <p><u>Duração:</u> 97 min.</p> <p><u>Lançamento (Brasil):</u> 1955</p> <p><u>Distribuição:</u> Columbia Pictures do Brasil</p> <p><u>Direção:</u> Nelson Pereira dos Santos</p> <p><u>Assistente de direção:</u> Jece Valadão</p> <p><u>Roteiro:</u> Nelson Pereira dos Santos</p> <p><u>Argumento:</u> Arnaldo de Farias</p> <p><u>Produção:</u> Nelson Pereira dos Santos, Ciro Freire Curi</p> <p><u>Produtor Associado:</u> Louis-Henri Guitton, Mário Barros e Pedro Kosinsk</p> <p><u>Produção Executiva:</u> Luiz Jardim</p> <p><u>Direção de Produção:</u> Duílio Mastroiani</p> <p><u>Assistente de produção:</u> Olavo Mendonça e Samuel Bonder</p> <p><u>Secretário:</u> Fenelon Paul</p> <p><u>Co-produção:</u> Equipe Moacyr Fenelon</p> <p><u>Música:</u> Cláudio Santoro</p> <p><u>Regência:</u> Radamés Gnatalli</p> <p><u>Sonografia:</u> Sílvio Rabelo</p> <p><u>Assistente de Som:</u> Carlos Pereira</p> <p><u>Fotografia:</u> Hélio Silva</p> <p><u>Assistente de Fotografia:</u> Zé Kéti e Ronaldo Ribeiro</p> <p><u>Câmera:</u> Ronaldo Ribeiro</p> <p><u>Assistente de câmera:</u> Araken Campos</p> <p><u>Cenografia:</u> Júlio Romito</p> <p><u>Assistente de cenografia:</u> Adrien Samailoff</p> <p><u>Montagem:</u> Rafael Justo Valverde</p> <p><u>Assistente de Montagem:</u> Victor Clark</p> <p><u>Continuidade:</u> Guido Araújo</p>
<p><u>Elenco</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Roberto Batalin Pedro</u> ▪ <u>Glauce Rocha Rosa</u> ▪ <u>Jece Valadão Miro</u> ▪ <u>Ana Beatriz Maria Helena</u> ▪ <u>Modesto de Souza o proprietário da terra</u> ▪ <u>Cláudia Morena Alice</u> ▪ <u>Ivone Miranda</u> ▪ <u>Antônio Novais</u> ▪ <u>Jackson de Souza</u> ▪ <u>Sady Cabral</u> ▪ <u>Mauro Mendonça turista italiano no Pão de Açúcar</u> 	

Fonte: SALEM, Helena. Nelson Pereira dos Santos: **O sonho possível do cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

O filme trata de um semidocumentário sobre as pessoas do Rio de Janeiro, o qual acompanha o dia na vida de cinco garotos negros de uma favela que vivem no Morro do Cabuçu e vendem amendoim em pontos turísticos da cidade, num domingo tipicamente carioca e de sol escaldante, vendem amendoim em Copacabana, no Pão de Açúcar,

Corcovado, Quinta da Boa Vista, e no Maracanã, considerado pontos turísticos da cidade (SALEM, 1987).

O cinema aborda uma mistura de ficção e realidade trouxe às telas as desigualdades sociais que incomodavam muitos setores da classe média, cuja cultura rejeitava a pobreza como tema que expõe o filme.

d) Sugestões e procedimentos do uso do cinema em sala de aula

Em pleno momento do neorrealismo¹⁰ no Brasil a corrente literária desempenhou papel fundamental junto os cineastas brasileiros, que passou a influenciar na maneira como o espectador percebia a realidade. O filme de estréia do diretor Nelson Pereira dos Santos, Rio, 40 Graus, é um exemplo disso. Mesmo depois desse período de existência o filme se mantém vivo e nos possibilita repensar o cinema brasileiro se comparada a cada lançamento que aborda a temática dos excluídos que vivem nos morros, favelas brasileiras.

O enredo se dá com a instalação de câmera por onde passam e observa as situações nos locais, mostrando como os garotos são rechaçados¹¹ em alguns pontos e as circunstâncias vividas por outras figuras, do morro e do asfalto.

É muito importante que o professor saiba lidar com a ferramenta do cinema, visto que, uma mesma obra cinematográfica pode ser analisada de diversas formas conforme o enfoque que lhe for atribuído. Porém, o que se percebe é a falta de qualificação tanto do professor como do aluno, a qual tem consequência à forma errada na exibição do cinema em sala de aula.

Ao constatar uma dificuldade do uso de um filme em sala de aula o professor deve superá-la, e não encará-la como ponto negativo de forma restritiva, pois, os obstáculos podem e devem ser superados. Nesse sentido, é necessário que haja a participação de toda a comunidade escolar, como ponto forte na superação dos obstáculos que por ventura surja, levando-se também em consideração o ambiente democrático e participativo.

¹⁰O **neorrealismo** foi uma corrente artística de meados do século XX, com um caráter ideológico marcadamente de esquerda / marxista, que teve ramificações em várias formas de arte (literatura, pintura, música), mas, atingiu o seu expoente máximo no Cinema neorrealista, sobretudo no realismo poético francês e no neorrealismo italiano. Com o mesmo nome, mas com distinção, pode ser observada uma Teoria das relações internacionais.

O **cinema da escola do realismo poético francês** abandonou o caráter individualista do cinema de autor, até então dominante na cinematografia francesa. Passou a ser valorizado o trabalho de uma equipe de realizadores, sobretudo os roteiristas, muitos trazidos da literatura e do jornalismo.

Cinema neorrealista no Brasil - tem como base o filme "Fome", de 1929, produzido, dirigido e estrelado por Olympio Guilherme, é considerado a primeira produção brasileira da corrente neorrealista.

¹¹**Rechaçados** - Fazer retroceder ou recuar, opondo resistência. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2012).

Por ser considerada uma obra inspiradora no cinema novo, o filme *Rio, 40 Graus* se apresentava como um movimento ‘estético e cultural’ pois tinha como objetivo mostrar a realidade das favelas e periferias das cidades brasileiras.

O calor escaldante de 40 graus que apresentava no Rio de Janeiro durante a realização cinematográfica é um aspecto geográfico que deve ser levado em consideração, pois, acabava unindo as aflições dos moradores humildes dos morros, que a partir daí buscavam algo de melhor para suas vidas. Tal sofrimento se transformava em alegria de viver quando esses moradores participam do ensaio geral das Escolas de Samba. O dia se findava por ali, mas, um novo dia viria, com a mesma rotina e os garotos voltavam a seu trabalho de vender seu amendoim em vários locais da grande Rio de Janeiro.

Rio, 40 Graus foi considerado como uma produção lendária, digna de virar filme inverossímil¹². Para que fosse realizado durante mais de um ano de filmagens, interrompidas várias vezes por falta de sol e de dinheiro. O autor Nelson organizou uma república dos artistas, e, basicamente toda equipe foram morar sob o mesmo teto, do ator e assistente de direção Jece Valadão ao sambista, e ator no filme, Zé Ketti. (SALEM, 1987).

A maior parte das cenas era ambientada na rua e com figuração feita por quem passava na hora. “A gente pedia para as pessoas passarem de novo na frente da câmera quando não ficava bom”, (SALEM, 1987).

No livro “*A Fascinante Aventura do Cinema Brasileiro*” de Carlos Roberto de Souza (1981), tem um trecho que abordam quais eram as pretensões do cinema nessa época, formulando seu depoimento sobre o cinema *Rio, 40 Graus*:

Rio, 40 graus era um filme popular, mostrava o povo ao povo, suas idéias eram claras e sua linguagem simples dava uma visão do Distrito Federal. Sentia-se pela primeira vez no cinema brasileiro o desprezo pela retórica. O filme foi realizado com um orçamento mínimo e ambientado em cenários naturais: o Maracanã, o Corcovado, as favelas, as praças da cidade, povoada de malandros, soldadinhos, favelados, pivetes e deputados.

O contexto focado por Carlos Roberto de Souza mostra a importância do estudo da geografia da década de 50 do século XX. Como bem enfoca Louro (2003, p.423), no Brasil dos anos 40 e 50, o cinema era um “evento social que mobilizava e fascinava uma expressiva

¹²Inverossímil - que não parece verdadeiro; inacreditável. Filmes de efeitos especiais, mostrando cenas inverossímeis. É aquilo que não parece verdadeiro, que não se pode acreditar, que julga-se sem preocupação ou compromisso. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/inverossimil>) acesso 28/02/2013.

parcela da população urbana”. O que se pode compreender que já nessa época, o cinema era também uma instância educativa com potencial, que passou a se constituir como uma nova pedagogia cultural, muito abrangente, mas que interpelava de forma expressiva e peculiar a juventude.

Apesar das críticas serem acirradas no que se refere ao cinema no Brasil, ele se tornou nos dias atuais mais do que um meio de diversão, e sim um acontecimento social e educacional. Com destaque a esse crescimento, a criação dos cineclubismo, o surgimento do CINEDUC – Cinema e Educação nos anos 70, os projetos ligados a MEC como a “TV Escola”, um programa educacional que resgatou basicamente todas as áreas educacionais como os Tele-vídeos das disciplinas de modo geral, bem como, a reprodução do cinema brasileiro, que findou ganhando os espaços das salas audiovisuais das bibliotecas escolares do Brasil.

Em se tratando do filme Rio, 40 Graus, apesar de só ter conseguido projetar para crítica internacional depois de dois anos após o seu lançamento, o filme foi um sucesso de crítica. Chegou a ganhar prêmios de melhor filme, melhor direção e melhor argumento no Festival do Distrito Federal de 1956. Foi levado para a então Tchecoslováquia por influência de Jorge Amado, recebeu o prêmio de Jovem Talento no festival de Karlovy Vary. (RAMOS, 1987).

Portanto, podemos fazer uma relação direta entre as imagens e as temáticas como contextos na relação espaço-tempo, no qual tornam claras as possibilidades de se fazer uma análise dos cinemas em vários períodos a partir das concepções específicas da Ciência Geográfica, por meio das categorias conceituais nas quais equilibram a construção do conhecimento geográfico (DUARTE; et. al., 2002).

De forma contextual há uma preocupação do autor em dar uma visão menos folclórica ou idealizada aos habitantes bem como a própria cidade do Rio de Janeiro. Tais argumentos foram reconhecidos por alguns autores da época como Glauber Rocha, que ao fazer uma crítica ao Cinema Brasileiro por volta de 1963, enfoca um comentário sobre o empenho que dedicou Nelson Pereira dos Santos em buscar trazer a tônica um cinema que aborda a realidade brasileira, em específico um neorealismo carioca.

O texto narrativo enfoca com precisão o contraste que há entre as duas classes, os ricos que com hipocrisia onde predomina o poder do dinheiro, e de outro lado os pobres do morro, onde tem como berço a solidariedade humana. Esse com certeza são os pontos considerados polêmico do filme, já que o filme retrata a desigualdade social existente entre essas classes.

O filme Rio, 40 Graus, procura realizar uma sequência de denúncias sobre a exclusão

social, quando trata dos personagens o casal “Pedro e Judite” num momento em que caminham no calçadão ao lado da praia de Copacabana, onde estão ao seu lado as lojas com vitrines, enfocando uma paisagem, a partir daí os mesmos são excluídos pelo fato de não fazerem parte desse cartão postal, mas, as incluem por se tratar de cidadãs que transitam todos os dias nesse espaço geográfico da cidade do Rio de Janeiro.

Para tanto há uma sequências de planos, onde é organizada uma narrativa de forma heterogênea e fragmentada sem uma continuidade, daí o mérito maior do filme Rio, 40 Graus, onde atrai o espectador para uma análise realista dos problemas sociais que os cercam, mas numa concepção própria de si.

Em meio a esse acontecimento cinematográfico surge a cantora e compositora carioca *Fernanda Abreu*, com a canção com o mesmo título do filme Rio, 40 graus do filme de Nelson Pereira dos Santos, que inovou na linguagem e na temática na época em que foi produzida, no ano 1955. Tal canção deu ênfase maior à expansão do filme que passa ser visto e cantado pela população brasileira de forma em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permeou com o propósito de analisar a contribuição do cinema no ensino da Geografia, e com mais profundidade em sua compreensão e importância quando trabalhado em sala de aula, o qual busca motivar tanto o professor como o aluno no processo ensino-aprendizagem de forma que essa aprendizagem seja desenvolvida num estudo prazeroso.

Pois, neste contexto mostra a realidade dos fatos sócios educacionais relacionados ao ensino da geografia e descreve o quanto o aluno aprende ao trabalhar o cinema em sala de aula. Observa-se que a exibição de cinemas no espaço escolar o aluno não apenas se diverte, mas recria e interpreta o ambiente em que convive e se relaciona e conseqüentemente constituirá um melhor aprendizado.

Considerando que os alunos do Ensino Fundamental ou Médio estão num processo evolutivo de crescimento cognitivo se faz necessário propor a esses alunos estratégias didáticas de trabalho. A exibição de um filme em sala de aula proporciona momentos de descontração que pode facilitar nas atividades que contribuem em sua aprendizagem, atividades essas que estão relacionadas ao próprio enredo produzido pelo filme.

Sendo assim esta pesquisa pode oferecer uma reflexão consistente sobre a importância para os alunos vivenciar os momentos que o cinema pode lhe oferecer de modo significativo na assimilação do conhecimento abordado pelo filme que está sendo trabalhado.

Mediante os pressupostos abordados no estudo, a pesquisa mostra a necessidade de está trabalhando e desenvolvendo atividades voltadas para o cinema no ambiente escolar, pois as mesmas incentivam tanto os alunos como o educador na parte prazerosa de está ensinando e aprendendo de forma divertida.

É importante que o professor tenha uma visão e o conhecimento diante do trabalho desenvolvido com a temática que o filme expõe em sala de aula, para que possa oportunizar seus alunos a um crescimento e uma aprendizagem com prazer e com alegria.

Ao focar o estudo do filme Rio, 40 graus o estudo aborda de forma clara a realidade existente entre as duas classes que separam a cidade do morro, onde mostra a importância de se trabalhar essas diferenças, mostrando que os fatos geográficos sejam de ordem física ou humana, os quais perpassam a importância de se ensinar a geografia além dos conteúdos de forma fragmentada.

Neste sentido, estudo pode trazer a oportunidades de ampliar cada vez mais os conhecimentos e aprendizagens sobre a importância de inserir o cinema no plano de curso do

componente curricular geografia, pois, esse instrumento sempre envolveu o interesse, curiosidade e prazer de assisti-lo.

Portanto, é através deste estudo que propomos as escolas transformar o cinema numa ferramenta pedagógica, e que o professor passa ser um mediador nessa produção do conhecimento geográfico de forma significativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e Cinema. In: CORRÊA, Roberto I.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. p. 95-128.

BARBOSA, Jorge Luiz. A Arte de Representar como Reconhecimento do Mundo: O Espaço Geográfico, o Cinema e o Imaginário Social. **Geographia**, Niterói, v. 2, n. 3, p. 69-88, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/30/28>> . Acesso em: 05 jan. 2013.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais, O Cinema no Brasil, Distrito Federal: Senado. 1998

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Col. Primeiros Passos).

BOECHAT, Ivone. **Desafio da educação para um novo tempo**. 1998. 1. Ed. Rio de Janeiro: Reptoarte, 1998. P. 38.

CASTELLI, R. E. Coleção de Imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930. In: **Educação Social**, 2010. V. 31, N.111, p. 605-624.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e Sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-22, jun. 2006. ISSN 678-698 x. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/.../17...>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

CÁNEPA, Laura Loguercio. Cinema Novo Alemão. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p.311-330. (Coleção Campo Imaginético).

CASTROGIOVANNI, A. C. (org). **Geografia em sala de aula – práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2007 (2ed);

COSTA, Cleber dos Santos; ANJOS, Emanuela Maiara Pereira dos. Cinema e Educação: a linguagem cinematográfica e o uso de novas tecnologias no ensino da geografia. ENCONTRO SERGIPANO DE EDUCAÇÃO BÁSICA – ESER, 4., 2011, Sergipe. **Da Universidade à sala de aula: relações entre teoria acadêmica e prática docente na Educação Básica**. Sergipe: Campus São Cristovão/UFS, 2011. p. 1-11. Disponível em: <[http://eseb.hdl.com.br/textos/Texto_ESEB_%20\(40\).pdf](http://eseb.hdl.com.br/textos/Texto_ESEB_%20(40).pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2012.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 17-52. (Coleção Campo Imaginético).

_____. O Primeiro Cinema. In: _____. **O Primeiro Cinema: Espetáculo, Narração, Domesticação**. São Paulo: Scritta, 1995. p. 1-36. (Coleção Clássica).

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Cinema, Música e Espaço - uma introdução. In: CORRÊA, Roberto I.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDuerj, 2009. p. 7-13.

DUARTE, K. R.; OLIVEIRA, A. G. NUNES, J. M. Cinema e ensino de geografia: aproximações teóricas e debates metodológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2002, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2002. p. 1-11.

FRANÇA, André Ramos. Teorias do Cinema e Análise Fílmica. In: _____. **Das Teorias do Cinema à Análise Fílmica**. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BH, 2002. p. 60-95. Disponível em: <<http://www.andrefranca.com/andre/dissertacao.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

FRANÇA, Kelly Rodrigues Duarte. O Cinema e o Espaço. In: _____. **Especificidades Paraibanas em Cena: Geografia, Cinema e Ensino**. 2011. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Geografia) -- Curso de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2008. p. 12- 22.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, maio/ago. 2010
 FARIA, Elaine Turk. O Professor e as Novas Tecnologias. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 57-72.

FERRAZ, Cláudio Bendito Oliveira. Cinema e Geografia: em busca de aproximações. **Primeiros Passos**. Espaço Plural, [S.l.], ano 8, n. 16, p. 75-78, 1º semestre de 2007. ISSN 1518-4196. Disponível em:<<http://e-vesta.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/.../118...>>. Acesso em: 20 dezt. 2012.

GEIGER, P.P. Ciência, Arte e a Geografia no cinema de David Lynch. **GEOUSP- Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 15, p. 11-18, 2004. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAtnkAC/cinema-arte-a-geografia-no-cinema-david-lynch#>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

GUSMÃO, David Ferreira; SAMPAIO, Andrecksa Viana Oliveira; SAMAPIO, Vilomar Sandes. O Ensino da Geografia e a Produção/Utilização de Recursos Didáticos. ENCONTRO

DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., São Paulo. **Anais Eletrônicos**. São Paulo: USP, 2005. p. 6745-6758. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egall10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/20.pdf>>. Acesso 15 jan. 2013.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução Maria Cecília França. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **O Cinema como Pedagogia in 500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

MASCARELLO, Fernando (Org.). Cinema Hollywoodiano Contemporâneo. In: _____. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 333-360. (Coleção Campo Imagético).

MONTEIRO, M.; MACHADO, R. Educação pelo Cinema – Cinema na Educação. ALVES, G.; MACEDO, F. **Cineclube, cinema & educação**. Londrina: Praxis, 2010.

MORÁN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27-33, jan./abr. 1995. ISSN 0104-6829. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/3927/3685>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: Experiência Cultural e Escolar. In: SÃO PAULO. Secretária da Educação. **Caderno do Professor dois: Luz, Câmera... Educação!**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009, p.11-31. Disponível em: <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643_caderno_cinema2_web.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.

_____. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e Ensino de História: Realidade Escolar, Propostas e Práticas na sala de aula. **Revista de História e Estudos Culturais**, [S.l.], ano 5, v. 5, n. 2, p. 1-23, abr./mai./jun. 2008. ISSN 1807-6971. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/.../Artigo_05_%20ABRIL-MAIO-JUNHO_2...> Acesso em: 05 jan. 2013.

NEVES, Aldo Alexandre. Geografias de Cinema: Do Espaço Geográfico ao Espaço Fílmico. **Entre-Lugares**, Dourados - MG, n. 1, p. 132-156, 1º semestre de 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/.../412>> Acesso em: 20 dez. 2012.

NOGUEIRA, Luiz. **Manuais de Cinema II: Gêneros Cinematográficos**. Covilhã: Livros Labcom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/nogueira-manual_ii_generos_cinematograficos.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.

PONTUSCHKA; N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. 111- 142 p.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. Considerações Finais. In: _____. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Geografia) -- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2007. p. 116-121

RAMOS, Fernão (org.). **História do cinema brasileiro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

RIVERO, Boris Mark Tomelic. **O cinema como ferramenta didática no ensino de geografia**. 2007. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2007.

RIO 40 graus. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Mário Barroso e Nelson Pereira dos Santos. Trelles. Brasil: Produções Cinematográficas Mário Barroso S.A, 1955, 1 DVD (97 min).

SALEM, Helena. Nelson Pereira dos Santos: O sonho possível do cinema brasileiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SILVA, Hélio. História da República Brasileira: A novembrada, o governo Café Filho (1955), v. 15. São Paulo: Editora Três, 1975.

SILVA, Josineide Alves da. O cinema na sala de aula: um diálogo com o currículo e o cotidiano escolar. **Revista educação**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 20-35, 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3640915>>. Acessado em: 05 jan. 2013.

SILVA, Valdenildo Pedro da. O Raciocínio Espacial na Era das Tecnologias Informacionais. **Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n. 28, p. 76-90, jan./jun 2007.

SOUSA, Bruno Jorge de. O cinema na Escola: Aspectos Pedagógicos do Texto Cinematográfico. Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Educação, Goiânia – 2005.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel. **A Mulher vai ao Cinema**. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

THERRIEN, Jacques e DAMASCENO, Maria nobre (org). **Artesãos de Outro Ofício: Múltiplos Saberes e Práticas no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Ana Blume, 2000.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: _____ **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 219-248.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino em Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 100-116.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_western) <acesso em: 21 de jan. 2013>.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neorrealismo>) <acesso em: 21 de jan. 2013>.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Nouvelle_vague<acesso em: 11 de jan. 2013>.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Neorrealismo_italiano. <acesso em: 13 de jan. 2013>.

<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/geleia-geral/cinema-novo> <acesso em: 02 de jan. 2013>.

(<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia>) <acesso em: 21 de jan. 2013>.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2012)<acesso em: 01 de jan. 2013>.

(<http://www.dicionarioinformal.com.br/inverossoil>) <acesso em: 28/02/2013>.

<http://letras.mus.br/fernanda-abreu/580/><acesso em: 21 de fev. 2013>.

Mapa Google, MapLink (2013) <acesso em: 26 de jan. 2013>.

ANEXO – A

Figura 2: Rio 40 Graus – Canção de Fernanda Abreu

Rio 40 Graus..(2x)	Quem é dono dessebêco? Quem é dono dessa rua? De quem é esse edifício? De quem é esse lugar?...(2x)	Meio batuque inovação De marcação prá pagodeira Curtição de falação De batucada Com cartucho sub-uzi De batuque digital Metralhadora musical...
Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x)	É meu esse lugar Sou carioca Pô! (Sou carioca!) Eu quero meu crachá Sou carioca Pô!...	De marcação invocação Prá gritaria De torcida da galera Funk! De marcação invocação Prá gritaria De torcida da galera Samba! De marcação invocação Prá gritaria De torcida da galera Tiroteio! De gatilho digital De sub-uziequipadinha Com cartucho musical De contrabando militar Da novidade cultural Da garotada Favelada suburbana De shortinho, de chinelo Sem camisa, carregando Sub-uziequipadinha Com cartucho musical De batucada digital Ulalá!...
Capital do sangue quente Do Brasil Capital do sangue quente Do melhor e do pior Do Brasil...(2x)	"Canil veterinário É assaltado liberando Cachorrada doentia Atropelando! Na xuxa das esquinas De macumba violenta Escopeta de sainha plissada Na xuxa das esquinas De macumba gigantescas Escopêta de shortinho algodão"...	De marcação invocação Prá gritaria De torcida da galera Samba! De marcação invocação Prá gritaria De torcida da galera Tiroteio! De gatilho digital De sub-uziequipadinha Com cartucho musical De contrabando militar Da novidade cultural Da garotada Favelada suburbana De shortinho, de chinelo Sem camisa, carregando Sub-uziequipadinha Com cartucho musical De batucada digital Ulalá!...
Cidade sangue quente Maravilha mutante...	Cachorrada doentia do Joá, eh! Cachorrada doentia São Cristóvão É Cachorrada doentia Bonsucesso Cachorrada doentia Madureira É Cachorrada doentia da Rocinha É Cachorrada doentia do Estácio...	Na cidade sangue quente Na cidade maravilha mutante...
O Rio é uma cidade De cidades misturadas O Rio é uma cidade De cidades camufladas Com governos misturados Camuflados, paralelos Sorrateiros Ocultando comandos...	Na cidade sangue quente Na cidade maravilha mutante...	Na cidade sangue quente Na cidade maravilha mutante Huuuummm!... Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x)
Comando de comando Submundo oficial Comando de comando Submundo bandidaço Comando de comando Submundo classe média Comando de comando Submundo camelô Comando de comando Submáfia manicure Comando de comando Submáfia de boate Comando de comando Submundo de madame Comando de comando Submundo da TV Submundo deputado Submáfia aposentado Submundo de papai Submáfia da mamãe Submundo da vovó Submáfia criancinha Submundo dos filhinhos	Rio!... Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x)	Na cidade sangue quente Na cidade maravilha mutante Huuuummm!... Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x)
Comando de comando Submundo da TV Submundo deputado Submáfia aposentado Submundo de papai Submáfia da mamãe Submundo da vovó Submáfia criancinha Submundo dos filhinhos	Rio 40 graus Purgatório da beleza E do caos...	Rio 40 graus Purgatório da beleza E do caos...
Na cidade sangue quente Na cidade maravilha mutante...	A novidade cultural Da garotada Favelada, suburbana Classe média marginal É informática metralha Sub-uziequipadinha Com cartucho musical De batucada digital...	E do caos... Capital do sangue quente Do Brasil Capital do sangue quente Do melhor e do pior Do Brasil...
Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x)	Gatinho de disket Marcação pagode, funk De gatinho marcação Do samba-lance Com batuque digital Na sub-uzi musical De batucada digital Eh!...	(O Rio de Janeiro!) (O Rio De Janeiro!) (Soy Loco Por Ti!)... Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x) Rio 40 graus Purgatório da beleza E do caos...
Rio 40 graus Purgatório da beleza E do caos... Eh! Rio 40 graus...	Gatinho de disket Marcação pagode, funk De gatinho marcação Do samba-lance Com batuque digital Na sub-uzi musical De batucada digital Eh!...	(O Rio de Janeiro!) (O Rio De Janeiro!) (Soy Loco Por Ti!)... Rio 40 graus Cidade maravilha Purgatório da beleza E do caos...(2x) Rio 40 graus Purgatório da beleza E do caos...

<http://letras.mus.br/fernanda-abreu/580/>

ANEXO – B

Figura 3: Rio de Janeiro – Espaço geográfico que retrata o Filme Rio, 40 Graus

Fonte: Mapa Google, MapLink (2013)